

O EMPREGO DE GRUPOS DO FACEBOOK PARA O ENSINO DA LITERATURA – ESTUDO DE CASO

André Luis Bento dos Santos (UFPE)

Se as redes sociais da internet são capazes de agrupar tantas pessoas, às vezes desconhecidas, em torno de uma causa comum, por que não aproveitar o potencial mobilizador dessas mídias sociais para o ensino e a aprendizagem? É no sentido de buscar resposta a essa questão que adotamos como objeto de estudo no mestrado: *O emprego de grupos do Facebook para o ensino da literatura*.

Como o próprio título sugere, foi nossa preocupação desenvolver não só um trabalho de cunho teórico como prático; daí a expressão *estudo de caso*. Antes, contudo, foi-nos necessária uma fundamentação teórica, dos quais passamos a uma breve descrição.

À guisa de introdução, interessou-nos ilustrar o poder mobilizador que as redes sociais da internet exerceram nos recentes movimentos sociais gestados no ciberespaço e vindos à luz nas ruas e praças de vários países.

Em Recife, da noite de 21 para o dia 22 de junho de 2014, ativistas ocuparam o Cais José Estelita. O cais em questão estava desativado há muito e pertencia à Rede Ferroviária Federal, até que a propriedade foi vendida para um complexo de empresas privadas do setor imobiliário, o Consórcio Novo Recife, responsável pelo Projeto Novo Recife, que prevê a construção de um complexo empresarial, residencial, comercial e hoteleiro que cobriria uma área de 100.000m², com mais de dez torres construídas. Entretanto, o empreendimento sofre críticas desde o início, principalmente pelo impacto na paisagem que pode ser causado pelas torres de até quarenta andares. Na calada da noite de 21 de junho de 2014, o grupo surgido como oposição ao Projeto Novo Recife – Direitos Urbanos (DU) – recebeu denúncias de que tratores estariam iniciando a demolição dos armazéns do cais. Após isso, muitos ativistas acudiram ao local e lá acamparam, dando evidência ao movimento que ficaria conhecido pela *hashtag* #OcupeEstelita.

Em seguida, trazemos o relato de experiência dos primeiros contatos deste professor em uma dessas redes sociais, o Facebook, para, então, propormos a discussão acerca do potencial educativo da ferramenta *grupos* como plataforma de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, uma primeira preocupação foi distinguir os conceitos de *rede*, *rede social* e *rede social da/na internet*.

É sabido que o advento da internet, a partir de 1990, trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre elas, Recuero (2011, p. 24-5) chama a atenção para a *comunicação mediada por computador*, tecnologia que proporcionou aos atores construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando na rede de computadores rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais. É neste âmbito que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na internet é utilizada através da perspectiva

de rede social. Entretanto, quando se trabalha com redes sociais na internet, os atores não são imediatamente discerníveis por causa do distanciamento que é característico da comunicação mediada por computador. Neste caso, recorre-se a representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. Recuero (*ibid*, p. 103), adverte, portanto, para o fato de que, embora os *sites* de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais propriamente ditas, eles não são, por si, redes sociais; daí a opção da autora em preferir o emprego da preposição *na* quando se refere a essas redes sociais: redes sociais *na* internet.

Observado o contexto em que tais termos são empregados, elegemos uma rede social específica, no caso, o Facebook. Segundo os resultados de um projeto desenvolvido na Austrália, projeto Griffith, com alunos de graduação e pós-graduação, Santaella (2013, p. 325) observa que os alunos preferem utilizar o Facebook para receber informações de ensino, pois essa é uma plataforma que eles acessam a todo momento, sem ter que conectar outros endereços providos pela universidade e que sempre exigem alguns protocolos de entrada.

Corroboram nossa preferência pelos *grupos* os lados positivos e negativos apontados pelos participantes do projeto Griffith, a seguir resumidos, e do que resultou a ulterior sugestão:

Lado (+): Os alunos receberam atualizações e informações que poderiam ter sido perdidas via outros meios de comunicação.

Lado (-): Os estudantes não eram notificados quando uma informação era postada, devido ao uso de uma página do Facebook e não do recurso de *grupo* oferecido pela plataforma.

Sugestão: A utilização do recurso de *grupo* em lugar de página.

Neste sentido, o Facebook nos fornece um espaço privilegiado de interação com alunos, especialmente se empregarmos os grupos que o *site* de relacionamentos possibilita criar como ferramenta. Os grupos, por sua vez, são assim como comunidades encontráveis em quaisquer outros *sites* de rede social na internet que já existam ou venham a existir.

Depois, quisemos investigar os *grupos* enquanto ferramentas intersemióticas. Frente a nossa visão de literatura a partir de uma perspectiva intersemiótica, fomos levados a optar por *Uma teoria da adaptação*, de Linda Hutcheon (2013). Para Hutcheon (2013), a adaptação deve ser entendida como *produto* e *processo*; isto é, uma obra anunciada *como adaptação* que, no entanto, envolve um trabalho de (re)criação por parte do adaptador, o que leva ao conceito de *replicação sem repetição*, ou seja, um diálogo entre o que há de conhecido e o que há de novo. Ou, em outras palavras, ao adaptador é colocado o desafio de atualizar uma obra já conhecida com elementos novos, muitas vezes, face às exigências de uma nova linguagem, resultado de uma transcodificação de um sistema de comunicação para outro, seja pela mudança de gênero e/ou mídia ou, ainda, sem mudança de gênero e/ou mídia, mas por uma exigência espacial e temporal de releitura.

Para acompanhar plataforma e teoria inovadoras, precisávamos também de uma proposta inovadora em termos de educação, do que derivou nossa adesão à aprendizagem ubíqua de que trata Lucia Santaella (2013), em *Comunicação ubíqua*:

Agora o computador nos acompanha, e a conexão se dá onde quer que estejamos, o que potencializa sobremaneira a educação informal. É a essa nova potência que chamo de *aprendizagem ubíqua*, ou seja, uma modalidade de aprendizagem que é contingencial e inadvertida. Equipada com um dispositivo de conexão contínua, a pessoa pode saciar a sua curiosidade sobre qualquer assunto a qualquer momento e em qualquer lugar que esteja. [...] Isto posto, cumpre indagar se essa nova forma de aprendizagem prescinde e dispensa os processos de educação formal (SANTAELLA, 2013, p. 303).

Como não nos interessa a teoria desvinculada da prática, optamos por realizar um estudo de caso. Nesse sentido, é que quisemos trazer a público a experiência de um projeto desenvolvido com nove alunos do ensino fundamental do Colégio Militar do Recife, usando como metodologia a disponibilização de *links* de vídeos com licença-padrão do YouTube em grupo do Facebook criado especificamente para a experiência, a qual, acreditamos, possa servir de modelo a outras disciplinas e iniciativas.

Segundo Santaella (2010, p. 104) a observação direta e participativa dentro da comunidade permite desenvolver uma percepção acurada e extremamente sensível às variações comportamentais nas relações entre os membros de comunidades digitais. Como anunciado, este trabalho é o resultado de um mergulho etnográfico dentro do Facebook, mais especificamente no grupo que criamos e denominamos de Amantes dos livros.

Metodologia

O presente estudo pretendeu sinalizar como a disciplina de Literatura pode recorrer à ferramenta “grupos” do Facebook de forma a melhorar o desempenho dos alunos em sala de aula, após terem acesso a conteúdo audiovisual na internet. Para isso, dispomos, hoje, da tecnologia que nos permite romper as barreiras espaçotemporais da sala de aula, fazendo da internet uma extensão do espaço escolar. Nesse sentido, nossa sugestão reside no emprego de redes sociais, sendo o Facebook aquela que mais cresce no mundo. Feita a opção por essa rede social, cumpre saber explorar as ferramentas que melhor reúnam pessoas com um mesmo interesse, no que desponta como possibilidade bastante promissora o uso dos “grupos”, os quais poderão ser abertos, fechados, ou mesmo secretos, conforme a finalidade desejada. Em seguida, criado um grupo, é preciso explorar os seus recursos, que são muitos, para melhor empregá-los.

Participantes

Os participantes do estudo de caso foram nove alunos voluntários do nono ano do ensino fundamental do Colégio Militar do Recife. Esta instituição de ensino, da qual

o autor deste trabalho é professor de Língua Portuguesa no referido ano escolar, promoveu, no ano de 2014, o projeto Interdisciplinar, o qual consistiu basicamente na orientação dos alunos conforme a linha de pesquisa adotada pelos professores das diferentes disciplinas com base no tema da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia; no caso, em 2014, “Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social”.

A linha de pesquisa por nós conduzida adotou, por motivos óbvios, o mesmo tema da dissertação de mestrado, com título diverso, a saber: “Grupos do Facebook para o incentivo da Literatura”.

Selecionados os participantes, todos menores de idade, foi solicitado a um dos responsáveis uma autorização, com firma reconhecida, em que os mesmos consentiam que as interações ocorridas entre os alunos, no grupo do Facebook denominado “Amante dos Livros”, fossem usadas na presente pesquisa.

Aos nove alunos participantes foi solicitado responder a um questionário, a partir do qual pôde ser elaborado um perfil dos alunos integrantes do estudo de caso e colher outros dados, todos coligidos nas tabelas de 1 a 3, seguintes:

Tabela 1 – Perfil dos alunos por: idade, sexo, experiência com o Facebook e grupos.

Aluno	Idade	Sexo	Experiência com o Facebook	Experiência em grupos
1	16	F	Sim	Sim
2	14	M	Sim	Sim
3	14	M	Sim	Sim
4	14	F	Sim	Sim
5	15	M	Sim	Sim
6	14	M	Sim	Sim
7	14	F	Sim	Sim
8	13	F	Sim	Sim
9	15	F	Sim	Sim

Tabela 2 – Perfil dos alunos por: frequência ao Facebook; horas conectados e ferramentas mais usadas.

Aluno	Frequência ao Facebook	Horas conectados ao Facebook	Uso de dispositivos móveis	Recurso mais usado no Facebook
1	Todos os dias	16	Sim	Curtir
2	Todos os dias	1	Sim	Visualizar
3	Todos os dias	16	Sim	Messenger
4	Todos os dias	6	Sim	Curtir
5	Todos os dias	6	Não	Visualizar
6	4 dias por	1	Não	Aplicativos

	semana			
7	Todos os dias	2	Sim	Messenger
8	Todos os dias	24	Sim	Messenger
9	Todos os dias	24	Sim	Messenger

Tabela 3 – Perfil dos alunos por: rede *off-line*; capital social; interesse pela leitura e uso de dispositivos móveis.

Aluno	Experiência com os outros membros	Integração com os outros membros	Interesse pela leitura	Recurso mais usado no grupo
1	Sim	Indiferente	Muito satisfatório	Comentar
2	Sim	Indiferente	Satisfatório	Curtir
3	Sim	Melhorou	Muito satisfatório	Curtir
4	Sim	Indiferente	Satisfatório	Comentar
5	Sim	Melhorou	Muito satisfatório	Comentar
6	Sim	Melhorou	Muito satisfatório	Comentar
7	Sim	Melhorou	Muito satisfatório	Comentar
8	Sim	Piorou	Muito satisfatório	Visualizar
9	Sim	Piorou	Muito satisfatório	Curtir

Análise das tabelas

Os nove alunos participantes do estudo de caso, todos cursando o nono ano do ensino fundamental, tinham entre 13 e 16 anos de idade, faziam uso do *site* de rede social Facebook bem como da ferramenta grupos, sendo quatro deles do gênero masculino e cinco do gênero feminino. (Tabela 1)

A maioria dos membros do grupo Amantes dos Livros relata acessar ao Facebook todos os dias da semana, estando permanentemente conectados, o que pode estar relacionado ao uso de dispositivos móveis pela maioria dos participantes, o que corrobora aquilo que Santaella (2013) tem identificado como *comunicação ubíqua*. O Messenger, serviço de mensagens, é a ferramenta mais utilizada no Facebook. (Tabela 2)

Em relação à experiência com os outros membros do grupo, todos se conheciam antes, o que revela uma rede *off-line* prévia. Durante o transcorrer do projeto, dois dos membros relataram que a interação com os colegas do grupo piorou, sugerindo o surgimento de conflitos; para outros três membros, a interação com os outros membros continuou a mesma de antes; enquanto outros quatro relataram ter

havido uma melhora na interação com os demais colegas. Enquanto o Messenger é a ferramenta mais utilizada no Facebook pelos participantes, os comentários aparecem como a ferramenta mais usada pelos membros no grupo. (Tabela 3)

Em relação “ao interesse pela leitura”, foi feita aos nove membros do grupo a seguinte pergunta: “Qual a sua percepção em relação aos conhecimentos adquiridos através da integração da Literatura a outras formas de expressão por meio do Facebook?” Para tanto, empregou-se ferramenta disponível nos próprios grupos do Facebook similar a uma enquete: “perguntar”. Nesse sentido, sete dos alunos afirmaram que a percepção com a experiência foi muito satisfatória; enquanto outros dois afirmaram que a percepção com a experiência foi apenas satisfatória, o que sugere que os voluntários deram *feedback* positivo sobre as vantagens da aprendizagem ubíqua.

Livros adotados

Desde já, cumpre alertar que não está nos propósitos deste tópico apresentar um estudo sobre os conteúdos de discussão entre os membros do grupo, embora o material recolhido, utilizando a ferramenta “comentar”, seja rico para a análise do discurso. Antes, o objetivo é demonstrar atividades que podem ser desenvolvidas com alunos a partir da estrutura comunicacional dos grupos do Facebook como experimento de interação colaborativa entre os voluntários.

Como a finalidade da criação do grupo era despertar o interesse dos alunos pela leitura, propomos a sugestão de obras de ficção com atividades relacionadas à sua leitura, como fichamentos, resumos, comparações com adaptações, comentários, chat etc.

O primeiro livro adotado foi “Bilionários por Acaso: a criação do Facebook”, de Ben Mezrich, com tradução de Alexandre Matias e publicação, no Rio de Janeiro, pela editora Intrínseca. A motivação para escolha deste livro, como o primeiro, foi levar os alunos a conhecerem o *site* de rede social com qual iriam trabalhar ao longo do ano. Como nossa linha de pesquisa tem como tema os ‘grupos do Facebook para o ensino de Literatura’, a primeira atividade consistiu em assistir ao filme “A Rede Social”. Para estimular a curiosidade dos alunos, postamos, junto com a mensagem, um *link* de acesso ao trailer do filme. Como atividade relacionada ao livro, solicitamos dos alunos um fichamento, o qual se prestou não só para trabalhar o conteúdo da narrativa como as características do gênero textual fichamento.

O segundo livro adotado foi “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, já disponível em domínio público e, por isso mesmo, disponibilizado em PDF para a leitura dos alunos. A justificativa para a escolha do poema se prendeu ao gênero textual curricular previsto para o bimestre escolar, aproveitando a oportunidade para apresentar aos alunos um exemplar da literatura pernambucana, ainda mais sendo eles alunos de colégio na cidade do Recife. A primeira observação que chama a atenção é que em um grupo com 09 membros, todos visualizaram os *posts*, embora nem todos tivessem de curtir-lo, pois havíamos combinado com o grupo que não haveria mais necessidade de clicar no “botão curtir” para indicar que o *post* foi visualizado, haja vista que o Facebook havia introduzido novo recurso que permitia saber quais membros visualizaram o *post*, ficando o “botão curtir” destinado ao sentido figurado que tem em

língua portuguesa, muito próximo ao *like* [gostar], em inglês. A proposta seguinte consistiu, ainda que de forma incipiente, em um estudo comparado entre o poema Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e o audiovisual Morte e Vida Severina em desenho animado, dirigido por Afonso Serpa, em parceria da Fundação Joaquim Nabuco com a TV Escola; esta animação, por sua vez, já uma adaptação baseada nos quadrinhos de Miguel Falcão. Agora, “conhecedores” do poema, para utilizar a terminologia adotada por Hutcheon, os alunos estavam capacitados a recepcionar a adaptação como adaptação.

Em função da demora já esperada para encontrar o quarto livro, pela qual o próprio professor antes tinha passado, solicitamos este com o terceiro, no mesmo período. Enquanto os alunos procuravam pelo conto francês A Estalagem Vermelha, de Honoré de Balzac, quarta obra a ser trabalhada, concentramos nossos esforços na terceira produção, o conto japonês Dentro do Bosque, de Ryûnosuke Akutagawa, com tradução de Madalena Hashimoto Cordaro e Junko Ota, e publicação, em São Paulo, pela editora Hedra. A intenção foi ampliar o horizonte dos alunos para a literatura universal, proporcionando um passeio pela leitura oriental, mais especificamente a japonesa, haja vista que o Japão seria tema da disciplina Geografia no mesmo ano escolar. No primeiro momento, fazendo uso da ferramenta “comentar”, solicitamos aos alunos as impressões que tiveram ao ler o conto, do que registramos uma participação intensa dos alunos voluntários. Em um segundo momento, solicitamos aos alunos que comparassem o conto à adaptação audiovisual de Akira Kurosawa para o conto. Nessa ocasião, reparamos que a preocupação com o conceito de fidelidade demonstrado revela que a atividade de leitura foi bem executada; do contrário qualquer comparação estaria prejudicada.

Como atividade relacionada à leitura do quarto livro, solicitamos aos alunos um roteiro para análise de obras de ficção literária. Othon M. Garcia (2006, p. 262) defende que a leitura de obras-primas da literatura de ficção pode ser muito mais proveitosa quando devidamente orientada, isto, é, quando precedida de uma espécie de questionário que sirva de roteiro. A nosso ver, esta recomendação pode ser estendida às obras de ficção em geral, sejam elas textuais ou visuais ou audiovisuais.

Com relação às atividades de leitura, Othon M. Garcia observa que professores que costumam recomendar a seus alunos leitura extraclasse limitam-se geralmente a pedir um resumo da obra lida e, às vezes, exigem também um ligeiro comentário. Othon M. Garcia se questiona de como fazê-lo o estudante, se não recebeu nenhuma orientação didática, clara e objetiva, capaz de mostrar-lhe os aspectos a encarar, as qualidades a sublinhar, as virtudes a ressaltar no que respeita à técnica da narrativa, sua estrutura, à caracterização das personagens, à linguagem ou estilo e outros aspectos? Sem essa orientação, as impressões da leitura resultam vagas, caóticas, difusas, traduzindo-se em apreciações infundadas ou desconexas. Gozamos da mesma opinião que Othon M. Garcia e, por isso, adotamos o roteiro proposto, fazendo-lhe adequações, a começar por estender-lhe a outras obras de ficção que não só as textuais.

Graças ao *feedback* positivo dos alunos, a proposta modesta que era trabalhar um livro por bimestre evoluiu e conseguimos adotar mais duas obras.

O próximo texto a ser trabalhado, então, foi o conto brasileiro do escritor pernambucano Osman Lins, *A Partida*, cuja atividade consistiu na assistência à adaptação homônima acompanhando a leitura do texto, haja vista à fidelidade ao texto original, com poucas supressões, situação que levamos para a sala de aula.

O sexto livro adotado foi o *Primo Basílio*, para o qual adotamos como atividade um *chat*, para que os alunos pudessem bater papo sobre questões interessantes do livro e tirar dúvidas com o professor e colegas.

Considerações finais

Considerando como benéfica a aproximação que o ensino de literatura busca desde há tempos no emprego das artes, especialmente junto ao cinema e demais recursos audiovisuais, verificamos que as possibilidades são muitas. A seguir apresentamos duas, sendo que nenhuma delas descarta a outra; antes se complementam, acreditando que as mesmas possibilidades podem servir de modelo a outras disciplinas.

Primeira: em salas de aula que disponham de acesso à internet, é possível exibir os filmes diretamente do YouTube. Claro que não é necessário acesso à internet para exibir um filme. Qualquer profissional que se dispuser pode muito bem se dirigir a uma locadora e alugar um filme que julgue relevante exibir para a sua turma. Contudo, não se pode exigir do professor que tire de seu bolso o valor com o custo de uma locação, ainda mais com a agravante de que um dia só de aluguel não seria o suficiente para exibir o filme a todas as turmas para as quais o professor geralmente leciona, o que oneraria ainda mais a iniciativa. Poderia se pensar em uma exibição conjunta com todos os alunos do ano em auditório, mas nesta situação a gerência dos alunos seria um fator a ser considerado. Certo que em um e outro caso, o custo poderia ser indenizado pela instituição de ensino, mas, como se sabe, a administração pública, ou mesmo privada, não goza dessa flexibilidade, devendo qualquer gasto ser previsto com antecipação e devidamente justificado, o que inviabiliza qualquer *insight* do professor, problema que não verificamos quando se dispõe de acesso à internet em sala de aula. Além disso, o acesso à internet evita gastos da instituição de ensino com a aquisição de DVDs e CDs de obras que gozam de licença-padrão do YouTube, possibilitando que os recursos sejam revertidos para a aquisição de títulos de domínio privado.

Segunda: outra possibilidade, e a que mais nos interessa neste trabalho, é a de, conforme uma obra literária é estudada, o que se encaixa perfeitamente na disciplina de Literatura, a ser ministrada durante o ensino médio, disponibilizar os *links* dos filmes em grupo do Facebook especificamente destinado para que os alunos possam assistir às adaptações no conforto de seus lares, sem a necessidade de ocupar o tempo destinado à aula.

Como vimos da análise do estudo de caso com alunos do nono ano do ensino fundamental, não basta apenas disponibilizar os *links* dos filmes. Considerado o perfil de alunos, nossa experiência mostra que os alunos precisam ser estimulados à participação. É preciso, nesse caso, que se exija dos alunos alguma atividade relacionada à obra literária, seja um resumo ou uma resenha, para que os alunos assistam aos filmes com interesse e engajem-se em alguma tarefa de produção textual, nem que sejam comentários no próprio grupo do Facebook.

De qualquer forma, reconhecemos que, para o aluno que lê as obras originais, o simples fato de assistir a um filme adaptado já colabora, na medida em que o coloca diante de outra linguagem, levando-o, imediatamente, a estabelecer uma comparação com a obra literária e, por isso mesmo, agregando valor à obra original. Acreditamos que o próprio debate em sala de aula pode levar a ganhos significativos. Enfim, as possibilidades são muitas e uma não exclui necessariamente as outras.

Referências

- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar**. 26 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 263-6.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. André Cechinel (trad.). 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

Bibliografia utilizada no estudo de caso:

- AKUTAGAWA, Ryûnosuke. Dentro do Bosque. In: _____. Rashômon e outros contos. Madalena Hashimoto Cordaro e Junko Ota (trad.). São Paulo: Hedra, 2008. p. 37-51.
- BALZAC, Honoré de. A estalagem vermelha. In: _____. A Comédia Humana. Vol XVI. Paulo Rónai (trad.). São Paulo: Globo, 1955. p. 305-35.
- LINS, Osman. A partida. In: Nitrini, Sandra. (Org.). Melhores contos de Osman Lins. São Paulo: Global, 2003. p. 45-8.
- MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina. Belém: NEAD/Unama. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000129>.
- MEZRICH, Ben. Bilionários por acaso: a criação do Facebook. Alexandre Matias (trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- QUEIRÓS, Eça de. O primo Basílio 22 ed. São Paulo: Ática. 1998. (Coleção Bom Livro).